



SITU #4 | BETO SHWAFATY

Matriz Fantasma (Velhas Estruturas, Novas Glorias)

2 de Abril - 25 de Junho, 2016

A Galeria Leme apresenta o quarto site-specific comissionado para o projeto SITU, curado por Bruno de Almeida, dando continuidade a uma exploração sobre formas de pensar e discutir a produção do espaço (urbano) através de um diálogo entre arte, arquitetura e cidade.

SITU convida o artista brasileiro Beto Shwafaty a conceber uma obra que resulte de uma reflexão sobre o contexto urbano, entendido como ampla matriz físico-social, e que se relacione simultaneamente com o exterior do edifício da galeria e com o espaço público contíguo.

O projeto de Shwafaty se embasa em uma pesquisa histórica e geográfica sobre a região onde está situada a galeria, o bairro do Butantã em São Paulo. Ao se debruçar sobre o passado colonial do local o artista descobre que ali surgiu, no século XVII, o primeiro trapiche de açúcar da cidade (na então fazenda Ubatatá), um engenho movido a tração animal ou humana para moer cana-de-açúcar.

Apesar de parecer um dado histórico secundário para a formação da cidade, a verdade é que estes engenhos foram mais do que meros aparelhos de exploração das terras coloniais. Eles fizeram parte de uma das primeiras e mais relevantes "indústrias" coloniais e foram responsáveis pela formação de um sistema de relações sociais específicas, o qual consolidou uma hierarquização sócio-espacial cujos ecos perseveraram até hoje. Dentre os fatores preponderantes para esse aspecto da formação nacional está a expansão e o enraizamento do modelo latifundiário de monocultura aplicado à exploração canavieira, onde grandes porções de terras são depositadas nas mãos de poucos senhores que passam a ser donos de tudo que nela se encontra. Esse dado histórico

está diretamente ligado ao impedimento da formação de outras classes sociais intermediárias que não estivessem vinculadas à produção agrícola e ao “senhor de engenho”, favorecendo assim, a consolidação de uma base social escravocrata.

Esta relação específica, entre poder e propriedade de terra, precede o que viria a ser o modelo de estruturação do território Brasileiro ao longo dos últimos 200 anos e que, ainda hoje, se expressa através de uma urbanização tardia carregada de muitas mazelas decorrentes de uma sociedade patriarcal e patrimonialista, cujos poderes político, econômico e social são concentrados nas mãos de uma elite minoritária.

Para a sua instalação, Beto Shwafaty se apropria de um trapiche de açúcar original de madeira, usando-o como eixo material e conceitual para estruturar todo o seu projeto. Com esta peça o artista ocupa o pátio do edifício da galeria e engendra uma instalação que se transforma em momentos sucessivos. Primeiramente, o engenho será exposto porém em modo improdutivo (sem moer cana-de-açúcar). Ao longo da exposição, este dispositivo-objeto será gradualmente desmontado em todas as suas partes, as quais serão, então, catalogadas e rearranjadas de modo a serem re-exibidas e re-significadas. Por fim, tais peças serão retiradas do espaço, que passará a ser ocupado imaterialmente por uma trilha sonora que carrega a memória de processos ligados àquele dispositivo-objeto.

Ao trazer este tipo de engenho colonial de volta ao bairro, o artista voluntariamente cria uma colisão entre dois tempos distintos. E o que poderia ser apenas uma operação referente ao resgate de um dado histórico da cidade, torna-se um processo de deslocamento, desmaterialização e desaparecimento. Essa peça colonial, um dispositivo proto-industrial, transforma-se em artefato, para então desaparecer durante o período da exposição, evocando os mesmos processos de apagamento e desaparecimento que permeiam o desenvolvimento espacial das cidades, tal como da própria história do urbanismo e das economias e culturas que o informam.

Com essas ações sucessivas, Beto Shwafaty reflete sobre uma noção de “patrimônio” que surge em paralelo à eminente obliteração de certas informações históricas, edifícios, culturas e povos. A obra propicia, ao final, um espaço para reflexão que possibilita questionar se o projeto de modernização do Brasil significou efetivamente uma ruptura com o seu passado colonial, ou se, na verdade, esse é apenas a continuidade de um processo colonizador, cujas lógicas ainda persistem em diversos contextos.

Sobre o artista:

Beto Shwafaty, 1977, São Paulo, Brasil. Vive e trabalha em São Paulo, Brasil.

Suas obras e projetos foram exibidos em: Contrato de Risco, galeria Luisa Strina, São Paulo, 2015 (solo); 19o Festival de Arte Contemporânea Sesc – Videobrasil, São Paulo, 2015; CFB: 25 Anos, Casa França-Brasil, Rio de Janeiro, 2015; Fundamentos da substância do design: metáforas culturais para projetar um novo futuro, Museu da Cidade – Oca Ibirapuera, São Paulo 2014 (solo); Remediações, Temporada de Projetos, Paço das Artes, São Paulo, 2014 (solo); Se o clima for favorável, 9ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, 2013; Amor e Ódio a Lygia Clark, Galeria Nacional Zacheta, Varsóvia, 2013; P33 – Formas únicas da continuidade no espaço [33º Panorama da Arte Brasileira] MAM, São Paulo, 2013; Conversation Pieces, NBK, Berlim, 2013; X Bienal de Arquitetura, São Paulo, 2013; Mitologias, Cité des Arts, Paris, 2011; À Sombra do Futuro, Instituto Cervantes, São Paulo, 2010; 4a IABR - Rotterdam Bienal de Arquitetura: UrbanInform section, Holanda, 2009; 3ª Utrecht Manifest, Holanda, 2009; Utopia for Sale, Akademie der Künste, Berlim, 2009; The Building E-flux, Berlim, 2009, entre outros.

Shwafaty recebeu diversos prêmios, incluindo: concessão de exposições da Graham Foundation, Chicago, 2013; 9ª Rede Nacional Funarte, Rio de Janeiro, 2012; PROAC - apoio do Estado de São Paulo para produzir o livro fotográfico “A Vida dos Centros”, São Paulo, 2011-2013, entre outros.

O seu trabalho faz parte de coleções públicas tais como: Museu Nacional da República, Brasília, Brasil; Paço Imperial- IPHAN, Rio de Janeiro, Brasil; MAR, Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil; Museu de Arte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, Brasil, entre outras.

Sobre o curador:

Bruno de Almeida, 1987, Brasil. Vive e trabalha em São Paulo, Brasil.

Graduado pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Portugal. Mestre em Arquitetura pela Accademia di Architettura di Mendrisio, Suíça. Trabalhou como arquiteto em Londres, Reino Unido e também como assistente curatorial no Instituto de Investigação Independente da Fondazione Archivio del Moderno, Suíça.

Para mais informações sobre o SITU, clique aqui.

Av. Valdemar Ferreira, 130
São Paulo | Brasil
Ter - Sex 10 – 19hs
Sáb 10 – 17hs
+55 11 3093.8184
info@galerialeme.com
www.galerialeme.com